



Pensando uma natureza – um encontro de arte e filosofia¹

Virgínia Tavares Vieira²

PPGEDU ULBRA/Canoas e PUCRS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8560-3780>

Renata Lobato Schlee³

Universidad de la República – Uruguay

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1838-5012>

Resumo: O presente estudo coloca em discussão a relação cultura e natureza, a partir do encontro entre arte e filosofia. Queremos proporcionar ao leitor algumas visibilidades sobre como a arte pode estar imbricada na produção de sujeitos atravessados por uma dita dicotomia entre natureza e cultura. Sabemos que a razão moderna nos aparta da natureza em acelerados processos de formação de subjetividades. Essa marca dicotômica é uma produção do nosso tempo. Na esteira de Michel Foucault, entendemos que ordens discursivas podem ser desnaturalizadas. Pensamos nossa existência vinculada ao nosso tempo histórico e insistimos na importância de problematizações que estimulem e sustentem buscas e experiências em maneiras de pertencer e agir. Escapes a esses binarismos são possíveis de se construir. Assim, como provocação ao pensamento, trazemos a experiência, no encontro com a arte e a filosofia, como aquela capaz de mobilizar uma abertura a modos outros de existir e se relacionar com os espaços que ocupamos, com a vida, com a natureza.

Palavras-chave: Arte, Filosofia, Cultura-Natureza.

Pensando la naturaleza – un encuentro entre arte y filosofía

Resumen: El presente estudio pone en discusión la relación cultura y naturaleza, a partir del encuentro entre arte y filosofía. Nuestro objetivo es proporcionar al lector algunas visibilidades sobre como el arte puede estar imbricado en la producción de sujetos traspassados por la dicotomía entre naturaleza y cultura. Sabemos que la

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/ULBRA-Canoas) e da graduação na PUCRS. Graduada em Música e Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: vi_violao@yahoo.com.br.

³ Professora visitante da Universidad de la República – Uruguay. Graduada em História e Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG. E-mail: renataschlee@gmail.com

razón moderna nos aparta de la naturaleza en rápidos procesos de formación de subjetividades. Esa marca dicotómica es una producción de nuestro tempo. En la línea de Michel Foucault, entendimos que órdenes discursivos pueden ser desnaturalizados. Pensamos nuestra existencia vinculada a nuestro tiempo histórico e insistimos en la importancia de problematizaciones que estimulen y sustenten búsquedas y experiencias en maneras de pertenecer y actuar. Fugas a esos binarismos son posibles de construirse. Así, como provocación al pensamiento, traemos la experiencia, en el encuentro con arte y filosofía, como aquella capaz de movilizar una apertura a modos otros de existir y relacionarse con los espacios que ocupamos, con la vida, con la naturaleza.

Palabras-clave: Arte, Filosofía Cultura-Naturaleza.

Thinking nature: a meeting of art and philosophy

Abstract: This paper discusses the relationship between culture and nature, based on the meeting of art and philosophy. The intention is providing the reader some visibility on how art can be intertwined in the production of subjects which are crossed by a dichotomy between nature and culture. We know that modern reason disconnects us from nature in accelerated processes of formation of subjectivities. This dichotomous characteristic is a production from our time. Following Michel Foucault, we understand that discursive orders can be denaturalized. We believe our existence is associated with our historical time and we insist on the importance of problematizations that stimulate and sustain searches and experiences in ways of belonging and acting. Escapes to these binarisms are possible to be produced. Therefore, as a stimulation to thought, we bring the experience, in the encounter with art and philosophy, as the one capable of mobilizing an opening to other ways of existing and relating to the spaces we occupy, to life, to nature.

Keywords: Art, Philosophy, Culture- Nature.

Articulações entre arte, filosofia, natureza

Olhar para a arte a partir da relação entre cultura e natureza é o desafio desta escrita. Queremos pensar e proporcionar ao leitor algumas visibilidades sobre como a arte está ou pode estar imbricada na produção de sujeitos atravessados por uma dita dicotomia entre natureza e cultura. De tal modo, trazemos a experiência como aquela capaz de mobilizar o ser consigo, com o mundo, abertura a modos outros de posicionamentos, de encontro com a própria vida.

Queremos trazer algumas provocações ao tensionamento do encontro entre a filosofia, como modos de pensar e tomadas de atitude (Foucault 2012), a arte (1995) junto aos conceitos de cultura e natureza. Estratégico posicionamento se faz potente em tempos de difíceis relações entre humano e natureza.

É um exercício filosófico que nos permite pensar a formação dos sujeitos em suas fabricações de verdades. O que tomamos por natureza? Assim, vamos trazer a música e a fotografia para suspeitar dessa própria fabricação, exercitando e colaborando na compreensão do que e como estamos nos construindo.

O encontro com a música e a fotografia neste artigo, se fazem a partir de duas teses (Vieira, 2017); (Schlee, 2018) desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (FURG). Pesquisas que nos mostraram a potência de um pensar sobre as construções discursivas de natureza em tempos modernos alargando nosso enquadramento, pois práticas culturais como estas, assim como a pintura, o cinema, os quadrinhos, a literatura entre outras, são tomadas como artefatos que ensinam. E assim como nos apresentam um olhar, uma posição, também podem ser colocados em xeque. Estabelecemos com as práticas culturais um contato, uma conexão, e queremos ainda mais, queremos a provocação ao pensar. Nos colocamos em pensatividade (Schlee, 2018).

Sobre a fotografia, deixar a imagem se mostrar, deixar a imagem falar. Tomar a fotografia pela qualidade da pensatividade. Este visível que vemos é uma potência visual que nos olha, e há um jogo estabelecido: “Fechemos os olhos para ver”, nos diz, também, Didi-Huberman (2010).

O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do “dom visual” para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Todo olho traz consigo uma névoa, além das informações de que poderia num certo momento julgar-se o detentor. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 77).

Ao invés de um olho nu, concordamos com o “olho sujeito” (IBIDEM, 2010) composto por suas experiências, em que o ato de ver provoca implicações entre aquele que vê e o objeto que retribui esse olhar. Fiquemos nesse *entre*, nos provocando em pensatividade.

Nos interessa pensar em como vamos imprimindo uma marca dicotômica entre natureza e cultura e analisando música e fotografia, percebemos um conjunto de elementos dispostos a consolidar e /ou sinalizar escapes aos binarismos, tecnicismos e racionalismos tomados como hegemônicos ao pensar moderno.

Estar nesse *entre*, estar em pensatividade, nos lembra Michel Foucault (2011, p. 12) que diz: “a verdade é deste mundo”. Em tempos modernos, que experiência⁴ pode ser evidenciada a partir da fotografia, da música, das práticas culturais?

Larrosa, nos ajuda,

Não há uma experiência humana não mediada pela forma e a cultura é, justamente, um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de formas que delimitam e dão perfis às coisas, às pes-soas e, inclusive, a nós mesmos. [...] é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma, converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado [...]. Nenhuma possibilidade de experiência. Tudo aparece de tal modo que está despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida. (LARROSA, 2015, p. 49)

Talvez estejamos naturalizando algumas dicotomias que podem ser colocadas em suspenso para que possam ser analisadas, havendo processos culturais que traduzem maneiras de ser e estar; construções de verdades que constituem sujeitos e o que fabricam por natureza. Queremos implicar e colocar as verdades⁵ em suspenso e, quem sabe, nos provocarmos em seres de experiência.

Quando trazemos a música, destacamos um tipo particular de naturalismo, cunhado de *Naturalismo poético-pampeano*⁶. Tal conceito demarca deslocamentos e rachaduras nos modos de ler, pensar e se relacionar com os elementos naturais que constituem a paisagem do sul do Brasil.

⁴ [...] a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional (LARROSA, 2002, p. 26).

⁵ De acordo com Michel Foucault (2011, p. 12, grifo do autor) “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”.

⁶ Trata-se de uma formação discursiva em que cultura e natureza encontram-se poeticamente articulados. O *Naturalismo poético-pampeano* de fins do século XX e início de século XXI irrompe na medida em que vimos se potencializar uma articulação entre cultura e natureza. Diferentemente do naturalismo do século XVIII e da corrente naturalista no campo da Educação Ambiental, em que humano e natureza encontram-se separados, no *Naturalismo poético-pampeano* essa articulação é unicamente apresentada. Para saber mais, pesquisar Vieira (2017).

No *Naturalismo poético-pampeano* do final do século XX e início do século XXI, cultura e natureza encontram-se articuladas. Se em um determinado período da história e da cultura (naturalismo do século XVIII) e na corrente naturalista no campo da Educação Ambiental (EA) o humano era tido como nefasto à natureza, na fabricação discursiva da natureza pampeana um novo elemento é recebido para a constituição desta paisagem: o gaúcho! Há um vínculo e pertencimento dos elementos naturais e culturais, sustentados a partir de dois enunciados, na fabricação discursiva desse Naturalismo poético-pampeano: Beleza natural e Cultura Gaúcha; e o Frio do Pampa.

Músicas onde as relações mostram o quanto a natureza é um elemento importante na fabricação de uma paisagem sul-rio-grandense, onde o gaúcho aparece como um sujeito inerente na aquarela viva pampeana. Nesta pesquisa, as músicas evidenciavam o quanto o gaúcho se reconhece nessa paisagem como mais um elemento que compõe esse cenário. Abaixo um trecho de uma das músicas colocadas sob análise.

Aprendi o sabor da vida no gosto antigo das sangas / Do boi ostentando a canga / Ao braço firme do pealo / Com a geada ao canto do galo / Na hora em que a alma entangue / Que percebi que meu sangue / É o mesmo do meu cavalo. Quando provei dos caminhos / Em redomões e bolichos / Que descobri que meus vícios / Eram antigas passagens. Carreiras, truco, linguagens / Por fronteiroço e domero / Achei um picaço oveiro / Igual a mim na paisagem / Quando apertei o pelego / E arrochei o bocal / Oveiro negro bagual / Pras correrias de guerra / Olhar imenso que encerra / Pequenas gotas de sanga / Que roubaram das pitangas / Genuíno amor pela terra. (AMARAL, 2005, grifos nossos).

Assim que, tomar a arte a partir dessas práticas culturais nos joga na capacidade humana de pensar para além das ditas dicotomias, para além das forças binárias. Sustentamos a importância de problematizarmos sobre a maneira que pensamos, agimos e nos conduzimos no modo de ser moderno. Analisar formas de vida assujeitadas e sujeitadas, que podem se exercitar naquilo que Foucault nos provoca como vida artista. Um conjunto de experiências estéticas que possam tornar caminhos possíveis. Que caminhos? Todo aquele que puder contestar formas de vida assujeitadas.

Sabemos que a razão moderna nos aparta da natureza em acelerados processos de formação de subjetividades, relações sociais e ambientais. Novamente Foucault,

[...] eu penso que desde o século XVIII, o grande problema da filosofia e do pensamento crítico sempre foi, ainda é, e creio que continuará a ser o de responder à questão: o que é esta razão que nós utilizamos? Quais são seus efeitos

históricos? Quais são seus limites e quais são seus perigos? Como podemos existir, enquanto seres racionais, alegremente dedicados a praticar uma racionalidade que é, infelizmente, atravessada por perigos intrínsecos? Nós devemos ficar o mais próximo possível desta questão, deixando sempre presente no espírito que ela é central e, ao mesmo tempo, extremamente difícil de resolver [...] Se os intelectuais, de modo geral, têm uma função, se o pensamento crítico tem uma função, e se, mais precisamente ainda, a filosofia tem uma função no interior do pensamento crítico, é exatamente o de aceitar esta espécie de espiral, esta espécie de portagiratória da racionalidade que nos remete à sua necessidade, ao que ela contém de indispensável, e, ao mesmo tempo, aos perigos que ela comporta. (FOUCAULT, 2009, p. 279)

Somos seres de natureza/seres de cultura. Pensamos nossa existência vinculada ao nosso tempo histórico e, insistimos na importância de problematizações e análises que estimulem e sustentem buscas e experiências em maneiras de pertencer e agir. Imiscuídos de natureza e cultura, experiências em invenções. Invenções em formas de vida. Tomar a vida com arte.

O que pode a arte nesse encontro com a filosofia?

[...] a arte no mundo moderno foi o veículo do cinismo. É a ideia de que a própria arte, quer se trate da literatura, da pintura ou da música, deve estabelecer com o real uma relação que não é mais da ordem da ornamentação, da ordem da imitação, mas que é da ordem do desnudamento, do desmascaramento, da decapagem, da escavação, da redução violenta ao elementar da existência (FOUCAULT, 2011a, p. 164-165).

Também entendemos que arte tem um papel fundamental em nossos processos de formação e na construção de modos outros de vida; arte como crítica social, política e cultural. A arte exerce um papel expressivo como crítica da cultura dominante, como denúncia aos modos de vida instituídos na e pela modernidade. Quando pensamos nas questões ambientais, por exemplo, a arte tem assumido um papel fundamental nessas discussões: seja denunciando a crise ambiental e as relações antropocêntricas que potencializam esta crise social e ambiental, seja compondo possibilidades de, através da arte, repensarmos e criarmos outros modos de pensar e nos relacionarmos com o planeta, com a vida planetária, com nós mesmos, por meio de uma potente articulação da cultura com a natureza.

A arte enquanto prática cultural, traz para o debate temas contemporâneos e que são fundamentais na construção da sociedade e na constituição de nossas subjetividades, em nossos modos de existência. Aqui queremos dar uma atenção especial para as

possibilidades de experiências, de experiências estéticas capazes de produzir em nós, sujeitos deste tempo, uma relação profunda com os espaços que ocupamos, com a natureza; pensar esse encontro entre cultura e natureza por meio de uma relação sensível, de troca, de afeto e ao mesmo tempo, de crítica.

Sugerimos a escrita deste artigo na ordem de um ensaio. Queremos fazer dançar o pensamento. Experimentar modos outros de pensar, compreendendo que podemos nos afastar de verdades e significados já instituídos. Queremos e podemos, na correnteza de autores como Michel Foucault, desnaturalizar, colocar em suspensos discursos, muitas vezes tomados como legítimos e inquestionáveis. Assim, questionamos e suspeitamos de nosso tempo, queremos percorrer nossa história assumindo posições de sujeito na crítica de um sistemático pensar sobre si, atuante nos jogos da micropolítica que naturalizam discursos como o de natureza.

Schlee (2018), nos lembra, “por vezes, tomamos os discursos como tão óbvios e naturalizados, que já não nos provocamos mais com eles em novas experiências.” (p.65), e o discurso de natureza é um exemplo. A fotografia pode nos ajudar nesse exercício, nesse pensar sobre o hegemônico que se instala em ordens discursivas.

A fotografia é um elemento que participa de estratégias discursivas históricas e, portanto, colabora na legitimação ou não de alguns discursos tomados como verdades. Sabemos que com a modernidade, vamos produzindo novas formas de entendimento com o natural. A natureza serve e passa a ser classificada enquanto usos e benefícios que poderá proporcionar às pessoas; o natural é, também, adaptado ao reequilíbrio do humano diante dos desafios que essa mesma modernidade vai lançando. Estariam nesses entendimentos as esteiras que fundamentariam os discursos de natureza atuais? Pensamos que sim, pois a ordem racionalista e tecnicista moderna, a partir do iluminismo, fundamenta um modo de funcionamento histórico no ocidente que se desdobra em maneiras de ser e estar diante da vida e do que entendemos por natural. É um processo que vivemos historicamente, é algo cultural. Barros nos deixa atentos quando diz: “a aproximação entre natureza e cultura é fundamentalmente estética, e não natural” (BARROS, 2011, p. 142).

Ou seja, apesar da materialidade do natural, o que dizemos de natureza é sempre uma representação dela, a qual está associada à cultura legitimada e tomada em suas

verdades. Todavia, nem cultura, nem natureza poderão ser buscadas como essências. O autor nos coloca: “[...] são produtos da criação humana e devem ser consideradas como remetidas a esta” (IDEM, p. 142).

Ponderamos que a relação entre natureza e cultura não seja de separação, mas como relação de passagens, de atravessamentos e de manifestações. Assim, para além de julgamentos, nos propomos à análise de como podemos estar nos relacionando, diante de um espaço tempo dito moderno, nos atravessamentos entre natureza e cultura.

O sujeito moderno e a possibilidade de experiência

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) cunhou o termo Modernidade Líquida em oposição à Modernidade Sólida. Para o autor, esta era em que vivemos tem como particularidade o aceleração do tempo. Bauman ressalta que na modernidade líquida o que está em questão é o tempo e não o espaço. Um tempo que é instantâneo e que nos escapa por sua velocidade, por sua fluidez.

Essas mudanças que se apresentam insurgem sobretudo com as transformações do capitalismo industrial, que passou a assumir novos desenhos de organização social. As transformações pelas quais vimos sendo atravessados, sejam elas sociais, educacionais, ambientais, políticas, econômicas e culturais, acabaram por instaurar uma nova ordem, na qual a flexibilidade tornou-se a característica desse novo tempo, em que as formas de ser e estar no mundo não são capazes de assumir um estado duradouro.

Uma das características dos tempos atuais, é a inconstância em que nos encontramos. É uma época marcada pela transitoriedade das coisas, pela velocidade dos acontecimentos, pelas grandes transformações do mundo que acontecem numa velocidade frenética. É o mundo moderno. Somos incitados, cotidianamente, a criar estratégias e a compor modos de existência em meio a esses acontecimentos.

Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2011) vivemos na era hipermoderna. Para o autor inventamos e experienciamos um mundo padronizado, onde todas as fronteiras foram suprimidas. Produzimos e criamos referências a serem consumidas nestes novos tempos. Nesta fase também do hiperconsumo, que emerge na década de 1980 do século passado, os padrões que consumimos são modelos que se encontram também na esfera da

vida social – consumimos modelos de vida. Nas palavras de Lipovetsky (2012, p.18) “é o momento da comercialização quase integral de tudo – não apenas de objetos, mas também da cultura, da arte, do tempo, da comunicação, da procriação, da vida e da morte”.

A sociedade passa por um processo de transformação que é ininterrupto. E essas alterações que se iniciam em fins do século XIX, começam a “impor” a sociedade novas formas de nos relacionarmos com o mundo, com vida, com a gente mesmo, imprimindo novas subjetividades. Cléber Ratto (2008) nos diz que o mundo não é mais o mesmo, nem nunca foi! Tais modificações, trazidas por meio do desenvolvimento tecnológico, pelas com que nos relacionamos com o consumo, em suas diferentes fases, do progresso de uma sociedade pós-industrial, estão cada vez mais presentes em nossos dias. Estamos sempre em busca de algo novo que possa suprimir a nossa ansiedade nestes tempos acelerados. Por isso, estamos sempre em busca de algo novo que, no instante seguinte, também já se encontra obsoleto.

A vontade de progresso e renovação, emblemas típicos da modernidade política e intelectual, cedeu lugar progressivamente a uma compulsiva movimentação na direção do “novo” e do “diferente”. O tempo de duração das novidades diminuiu barbaramente e há uma aparente inevitabilidade de re-invenção permanente dos modos de ser e conviver. Rapidamente, as novidades tornam-se obsoletas e são substituídas por novas e mais excitantes experiências. Não basta ser novo e diferente. É preciso que a novidade e a diferença sejam permanentemente re-encenadas, a cada instante (RATTO, 2008, p. 48).

Pensando nesse tempo tão carregado de informações, o desafio está em possibilitar experiências que nos provoquem e nos convidem a parar. Para isso é preciso se expor, ser receptivo as possibilidades de sentir de outra maneira – sentir o tempo de outra forma! É preciso “parar”.

Uma das características básicas da sociedade contemporânea é a anseio pela novidade, pela comunicação, pelo consumo. Nesse processo, o movimento é demasiado acelerado. Tudo o que se passa, se passa rapidamente, pois cada vez mais temos menos tempo de ter experiência. Isso ocorre porque o acontecimento é instantâneo, pontual e fragmentado, e a rapidez com que esses acontecimentos nos chegam impede a conexão entre ambos, impede a memória e a possibilidade de silêncio. Assim,

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente

insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência (LARROSA, 2002, p. 23).

Para que haja processos de experiências, sejam elas estéticas ou não, é preciso que estejamos abertos e receptivos para que algo nos aconteça. Trata-se “de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA, 2002, p. 24). Seguindo na mesma linha de argumentação, é preciso estar, por momentos, na contramão de uma sociedade muito acelerada; além de nos expormos, com tudo o que há de vulnerabilidade e riscos, pois “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece [...] a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (Idem, p. 25).

O encontro da arte e filosofia, uma experiência do pensamento

Neste estudo, nos aproximamos do pensamento do filósofo francês Michel Foucault, para pensar esse encontro entre arte e filosofia e, dessa forma, tensionarmos nosso espaço tempo moderno. Para isso, inicialmente nos provocamos em evidenciarmos que as ordens discursivas podem ser questionadas e desnaturalizadas. Como é o caso de um discurso de natureza tomado culturalmente.

Dando continuidade às provocações suscitadas a partir de seus escritos, buscamos desenhar a potência dessa articulação entre arte e filosofia, aceitando o desafio de fazer filosofia num modo de ser. Colocar-se em suspeita e tomar a vida em atitudes. Interessamos, compreender como a arte, enquanto prática da cultura, é capaz de produzir experiências artísticas, estéticas que nos movimente a pensar as relações que estabelecemos com nós mesmos, com o outro, com a natureza, com o mundo em que vivemos.

Levando em consideração uma produção discursiva de natureza, este estudo se provoca em apresentar o quanto a arte se constitui como prática fundamental da cultura ao suscitar e dar potência a criação de outras formas de existência. Aqui queremos incitar uma certa curiosidade nos leitores deste artigo, qual seja: aquela de se provocar, de saber que se

“[...] pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê [...]” (FOUCAULT, 2012a, p. 15). Essa foi e é a curiosidade que nos impulsionou a escrever este ensaio, pois, num movimento foucaultiano, essa é “[...] a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo” (Idem, 2012a, p. 15).

Compreendemos que a arte se constitui como uma prática cultural potente que, articulada a uma atividade filosófica, é capaz de nos provocar o desejo de pensar sobre nosso próprio pensamento. Ademais, isso se configuraria a explorarmos aquilo que nos parece estranho de ser pensado. A escrita deste estudo na ordem de um ensaio, de um exercício filosófico, autoriza e nos convida a pensarmos diferentemente do que pensamos.

O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 2012a, p.15-16, grifos do autor).

Na correnteza de Larrosa (2004), buscamos mesmo que de forma mais intimista, encaminhar este estudo na corrente de uma escrita que dê o que pensar. Isso se dá a partir de uma determinada operação no pensamento e na escrita, mediante problematização e (re)problematização. A proposta está em “[...] prestar atenção àquilo que habitualmente passa despercebido, ao detalhe, mas que, ao mesmo tempo, consegue que esse detalhe apareça sob uma nova perspectiva e que se amplie até o infinito [...]” (LARROSA, 2004, p. 35).

Como um ensaio, ousamos uma aproximação dos escritos finais de Michel Foucault – o *si* e os processos de subjetivação. Ou seja, apreender como se dá a “[...] relação de si para si e a constituição de si mesmo [...]” (FOUCAULT, 2012a p.13). Nessa empreitada de pensar sobre nós mesmos, nossas relações com o planeta, com a natureza, tendo a filosofia e a arte como práticas potentes em produzir experiências do pensamento. A tarefa é apreender o pensamento não como um “[...] domínio de atitudes que determinam certo comportamento, mas sim como aquilo que nos permite tomar um campo de ação como

objeto de questionamento quanto a seu significado, condições e objetivos” (NALDINHO; CARDOSO Jr, 2012, p. 199).

Pensar a filosofia como se fizera na Antiguidade – a filosofia como modo de vida, como exercício do pensamento numa relação intrínseca consigo mesmo – o olhar para si, pensar sobre si, pensar sobre aquilo que pensamos, pois “[...] filosofar não é simplesmente uma forma de discurso, mas também uma modalidade de vida [...]” (FOUCAULT, 2011a, p. 206).

A aposta está em produzir nos seus possíveis leitores fraturas/deslocamentos, abrindo novas sendas, novos caminhos – constituindo-se, em alguma medida, como uma possibilidade de respiro aos modos de ser e viver estes tempos, sobretudo nas nossas relações com a natureza, cultura e natureza. Desconstruir modos de ser, pensar e fazer, na contramão de conceitos e concepções tão bem delineadas no tempo, na história e na cultura. De tal modo,

[...] o exercício do ensaio faz-se necessário, para que possamos exercitar em nós a possibilidade de o sujeito pensar sobre si, de explorar o pensamento e criar estratégias de pensar o estranho, aquilo que escapa às categorias da tradição, que escapa aos discursos já instaurados (HENNING, 2008, p. 266).

É aqui que vislumbramos as potentes articulações da arte e da filosofia na produção de sentidos e significados. E a música e a fotografia nos ajudaram a pensar como nos constituímos enquanto sujeitos que repensam sua relação com a natureza na articulação entre arte e filosofia. O que pode esse encontro na produção de experiências do pensamento? E, ainda, como essas experiências são capazes de fazer com que algo nos aconteça nesses encontros?

Tendo tais autores como intercessores deste estudo, compreendemos que arte pode nos mobilizar, nos interpelar e nos provocar o desejo de parar e sentir nesse tempo acelerado. Com este estudo, fizemos um convite ao pensamento, um convite às possibilidades de ser, estar, se relacionar, afetar e ser afetado pela arte, pela música, pela fotografia numa relação intrínseca consigo mesmo. Nessas experiências, nos provoquemos a tensionar outros modos de existir. É da força desses encontros entre arte e filosofia que vimos possibilidades de sermos chamados a olhar para si, a pensar sobre si num período em que a comunicação tornou-se “palavra de ordem e condição de socialidade” (RATTO, 2008,

p. 171); que possamos, a partir desses encontros “[...] elaborar a própria vida como uma obra de arte, um estilo, o qual manifestasse os raros e desejados atributos de uma bela existência [...]” (NALDINHO; CARDOSO Jr, 2012, p. 187, grifos do autor).

Considerações Finais

Nos encaminhamentos finais, queremos provocar um pouco mais os leitores e leitoras deste texto. Para isso, trazemos o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2003) para falar da potência que pode ser vivenciarmos a sede de experiência, da saúde e da doença.

Nós, os novos, os sem nome, os difíceis de serem entendidos – é dito lá –, nós, os filhos prematuros de um futuro ainda não demonstrado, temos a necessidade, para um novo objetivo, de um novo meio, quer dizer, de uma nova saúde, uma saúde mais forte mais afinada mais tenaz mais ousada mais divertida do que todas as saúdes conseguiram ser até agora. Aqueles cuja a alma tem sede de experimentar toda a extensão dos valores e desideratos e navegar por todas as costas desse “mar inferior” idealista, aqueles que querem saber, das aventuras de suas experiências mais pessoais, como é que um conquistador e descobridor do ideal sente-se, e, da mesma forma, como um artista, um santo, legislador, um sábio, um erudito, um devoto, um eremita divino do velho estilo sentem-se: eles têm necessidade, antes de tudo, da **grande saúde** – uma saúde que a gente não apenas tem, mas adquire e se volta a abandoná-la, sempre tem de se abandoná-la... E agora, depois de termos estado assim por muito tempo a caminho, nós, os argonautas do ideal, mais corajosos do que a prudência recomenda e muitas vezes naufragos e prejudicados, perigosamente saudáveis, sempre saudáveis de novo – quer nos parecer que nós, em pagamento a tudo isso, ainda temos um país a descobrir à nossa frente, cujas fronteiras ninguém jamais marcou, um além de todos os países descobertos até agora e de todos os ângulos do ideal que até agora perduraram, um mundo tão ultra-rico em beleza, em estranheza, em dubiedade, em terribilidade e em coisas divinas, que a nossa curiosidade, bem como a nossa sede de possuir quedam ambas fora de si – oh, nós já não podemos mais ser satisfeitos por nada!... (NIETZSCHE, 2003, p. 113-114, grifos do autor).

Podemos dizer que é nesse movimento em que a vida acontece. É preciso aceitarmos o convite, e nos permitir sermos afetados/as! Um ensaiar e perguntar foi todo meu caminhar (NIETZSCHE, 2002), nos dizia o autor. Apreender que rachaduras são potentes nos processos da vida, e que esses percursos de criação são permeados pelo bem e pelo mal, pressupondo a dor, a penúria, a alegria, a tristeza, a luta, as guerras internas, os conflitos. E nesses processos, sejamos capazes “[...] de viver com alegria os riscos que a vida implica sem que para isso tenhamos que extirpar o antagonismo presente em tudo que vive e cresce, assim como também perece e se fortifica [...]” (SANTANA, 2012, p. 132).

Certamente, esses movimentos não são fáceis. Aliás, muitas vezes são penosos! Somos filhos da modernidade. A todo o momento lutamos contra a trama de discursos que nos interpelam e nos capturam. Importante ressaltar que essa captura não se dá diante de uma obrigação ou coação. Muitas vezes, é na interpelação de uma imagem, ou ao escutar uma música. Somos sujeitos disciplinados e, por isso, muitas vezes convencidos por formações discursivas que funcionam e produzem determinados efeitos de verdade.

Concluindo, ressaltamos a importância de problematizarmos os possíveis discursos de natureza para além de uma abordagem essencialista. Para isso, a fotografia e a música, podem ser interessantes ferramentas. Assim, nessa relação entre cultura e natureza como construções de um espaço tempo, cabe procurar os seus atravessamentos; mas, antes disso, pensar no fluxo constante de forças que aí se estabelecem e formam esse discurso de natureza. Queremos recusar qualquer idealismo e nos colocar a pensar no “real” que está no discurso, e que podemos tomá-lo como problematização, na tentativa de intensificação da própria vida.

Referências

AMARAL, Lisandro. Picaço Oveiro. Intérprete: Lisandro Amaral: In: **16ª Vigília do Canto Gaúcho - Cachoeira do Sul – RS**, 2005.

BARROS, Roberto. Naturalização da cultura ou ocidentalização da natureza?.in: Daniel Lins. **Nietzsche / Deleuze: natureza / cultura**. São Paulo. Lumme. 2011

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O Que Vemos, O Que Nos Olha**. São Paulo. Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**; O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Edições graal: Rio de Janeiro, 2012.

HENNING, Paula Corrêa. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos**: produção de saber e moral nas ciências humanas. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Área Ciências Humanas, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2008.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, Jorge Bondía. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: **Educação e Realidade**, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte. Autêntica. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura mundo**: resposta a uma sociedade desorientada / Gilles Lipovetsky e Jean Serroy; Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUVIN, Hervé; GILLES Lipovetsky. **A globalização ocidental**: controvérsia sobre a cultura planetária / Hervé Juvin e Gilles Lipovetsky. Tradução Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2012.

NALDINHO, Thiago Canonenco; CARDOSO Jr, Hélio Rebello. A filosofia como modo de vida em Foucault. In: **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 26, n. 51, p. 185-206, jan./jun. 2012. ISSN 0102-6801.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é; Tradução e organização de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; ARAUJO, Rodrigo Michell dos Santos. Império da Natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas fotografias da revista National Geographic Brasil. **Pesquisa Em Educação Ambiental**, v.7, n.1, p. 123-137, 2012.

RATTO, Cleber Gibbon. **Compulsão a comunicação**: ensaios de ética, educação e silêncio. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2008.

SANTANA, Bruno Wagner. Da grande saúde em Nietzsche. **Revista ensaios filosóficos**, Volume VI, Outubro de 2012.

SCHLEE, Renata Lobato. **A Vida, a Arte e a Educação Ambiental nos Atravessamentos de Uma Natureza Pampeana**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/8784>. Acesso em: 20 nov. 2022.

VIEIRA, Virginia Tavares. **Naturalismo Poético-Pampeano**: uma potência musical do pensar. 2017. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2017. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/8937>. Acesso em 20 nov. 2022.

Submetido em: 24-11-2022
Publicado em: 15-04-2024